



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

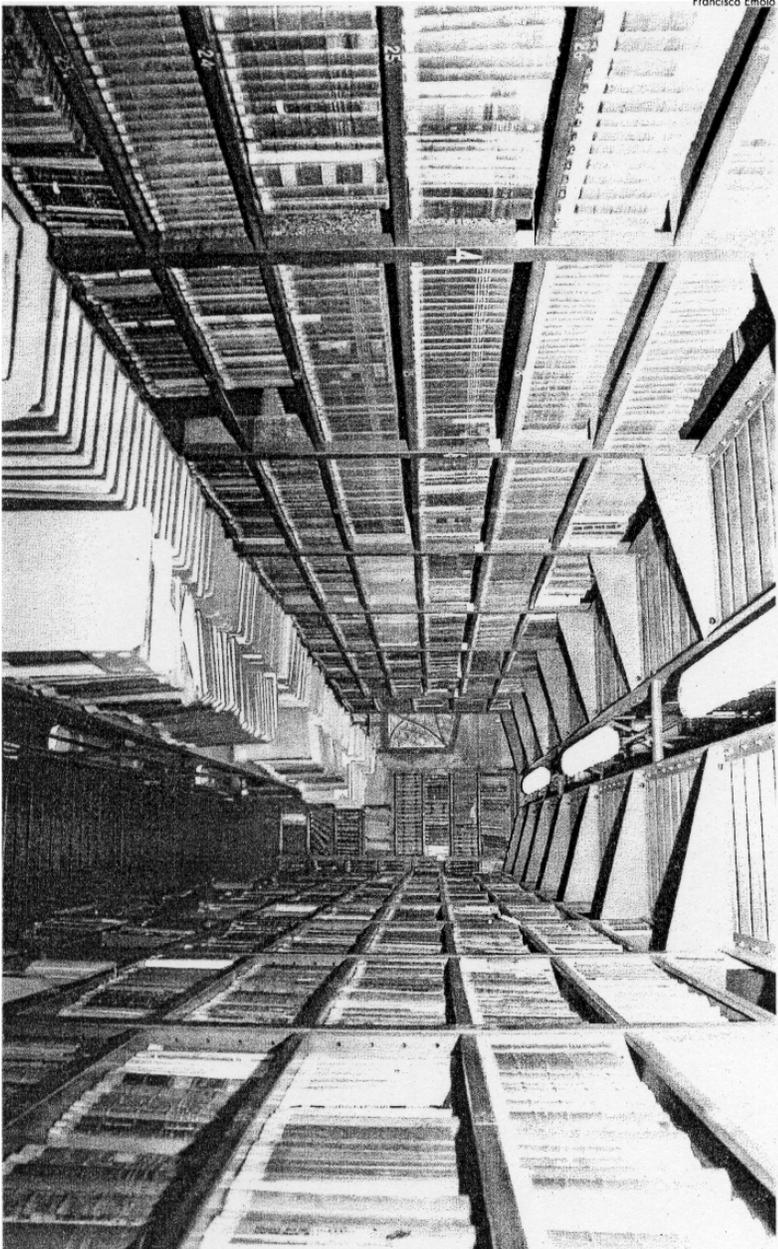
Veículo: Jornal da USP

Data: 5 a 11-11-07

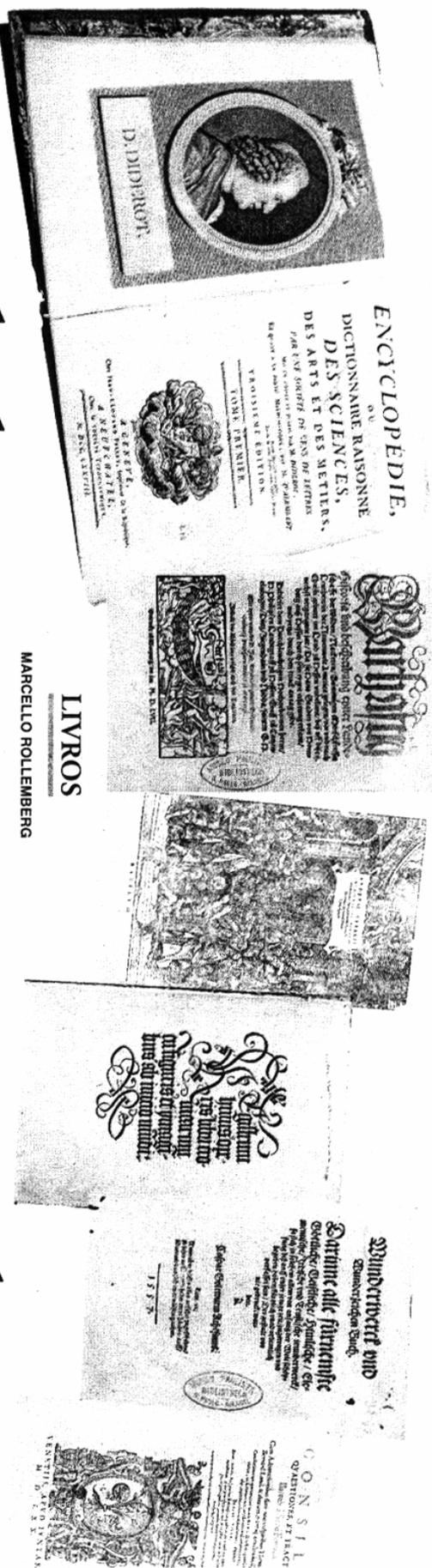
Caderno/ Páginas: Capa e págs. 10, 11 e 12

Assunto: Bibliotecas - USP

Tesouros encadernados da Universidade



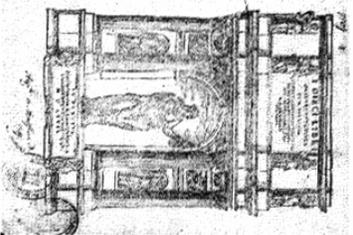
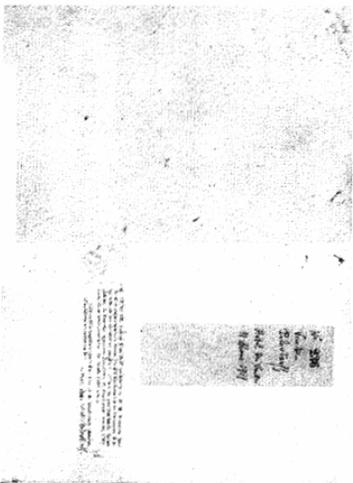
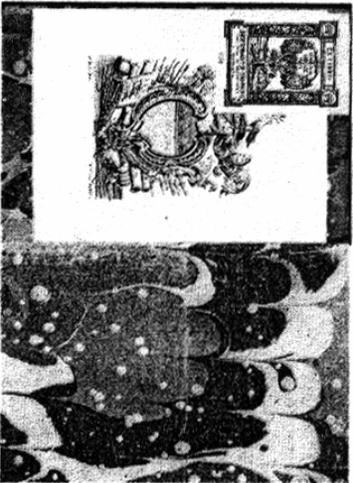
Existem verdadeiras jóias entre os mais de 7 milhões de itens guardados pelas 42 bibliotecas do Sistema Integrado de Bibliotecas (Sibi) da USP. Algumas delas foram apresentadas durante a 10ª Semana do Livro e da Biblioteca, realizada de 22 a 26 de outubro em diferentes campi da Universidade. O evento, que contou com palestras e oficinas, foi uma oportunidade para a USP divulgar seu precioso acervo e destacar os profissionais que fazem o difícil trabalho de conservar os livros, como o restaurador Nelson Roberto da Silva, da Escola de Engenharia de Lorena (EEL). No campus de Ribeirão Preto, tem-se um tesouro: os 39 volumes da Encyclopédie, publicada no século 18 pelo iluminista francês Denis Diderot. Em São Paulo, a USP conta com a biblioteca mais antiga da cidade, a da Faculdade de Direito, iniciada em 1825. **Páginas 10, 11 e 12**



LIVROS
 MARCELLO ROLLEMBERG

Raridades em meio ao jardim

A 10ª Semana do Livro e da Biblioteca – que a USP promoveu nos dias 22 a 26 de outubro – foi ocasião para a Universidade divulgar os produtos e serviços oferecidos pelas 42 bibliotecas ligadas ao Sistema Integrado de Bibliotecas (Sibi), onde se guardam mais de 7 milhões de itens (entre livros, periódicos, teses e multimídias, entre outros); em todas as áreas do conhecimento. Nesta página e nas duas seguintes, o **Jornal da USP** mostra algumas jóias desse acervo – como os 39 volumes da Encyclopédie, a célebre obra do Iluminismo francês, preservada pela biblioteca do campus de Ribeirão Preto –, conta a trajetória de instituições centenárias, como a biblioteca da Esalq, que se cerca do imenso jardim do edifício central daquela unidade, e fala ainda das pessoas que cuidam dos volumes, como o restaurador Nelson Roberto da Silva, da Escola de Engenharia de Lorena



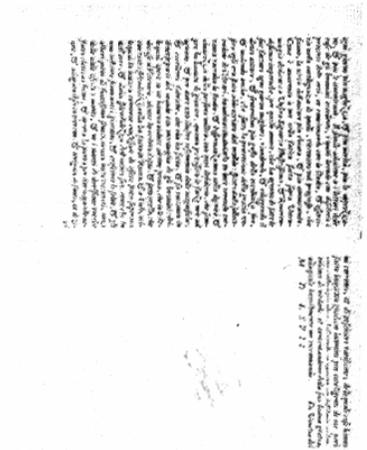
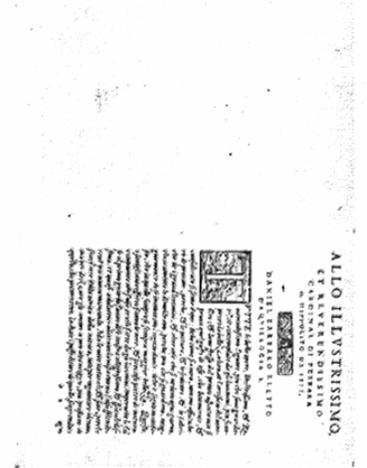
de alumínio, mais apropriado, adquirir novas estantes e cuidar para que a acidez não os afete. É um trabalho que deverá estar inteiramente concluído até o ano que vem", afirma Márcia Saad, da DIBD. "Piracicaba é uma cidade muito quente e precisamos ter todos esses cuidados."

Há outras raridades na biblioteca, como tratados seculares sobre fauna e flora, com desenhos feitos a bico-de-pena, e outros que estão nas bibliotecas departamentais e que serão encaminhados à central. Além do trabalho de conservação e guarda de importantes volumes – e de também disponibilizar todo esse

acervo pela internet –, a biblioteca da Esalq ainda realiza um outro trabalho: o de editar, periodicamente, a série Produtor Rural, que já conta com

cerca de 40 títulos. Nessa via de mão dupla – mantendo o que já foi editado e editando o que deve ser lido –, a biblioteca cumpre um papel essencial neste universo bibliográfico uspiano, justificando não apenas as medalhas ganhas, mas sua importância para a própria Universidade.

O campus da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba, a centenária Esalq da USP, se assombrava em muito aos campi americanos. Sua sede central é rodeada por um imenso jardim que, nos finais de semana, fica coalhado de pessoas – alunos, normalmente –, que passeiam por aquela área verde despreocupadamente. Um pouco afastado daquela paisagem de carta-postal, encontra-se, porém, um prédio de forma trapezoidal que chama a atenção não só por sua estrutura diferenciada, mas principalmente pelo que reserva em seu interior:



trata-se da Biblioteca Central da Esalq, cujo acervo é tão antigo e importante quanto a própria escola de agricultura. Já no decreto de 23 de março de 1901, do governo do Estado de São Paulo, que criava a então “Escola Prática Agrícola”, havia a designação de um “arquivista bibliotecário”. Assim, a biblioteca da Esalq pode ser considerada a segunda mais antiga da Universidade, só perdendo para a da Faculdade de Direito, no Largo São Francisco. Entre os dias 22 e 26 de outubro, o acervo bibliográfico da Esalq, composto por 118.815 títulos (entreteses, livros e anais de congressos) e 3.059 periódicos, teve destaque e atenção especiais durante a 10ª Semana do Livro e da Biblioteca, evento que acontece simultaneamente em todo o Sistema Integrado de Bibliotecas (Sibi) da USP. Para o evento deste ano, a biblioteca da Esalq organizou um evento intitulado Serviços On-Line: Biblioteca 24 Horas, com a intenção de facilitar a busca por parte dos usuários de seu acervo na internet. “O importante é conhecer a infinidade de recursos para acesso à base de dados e conteúdos digitais que precisam ser utilizados por docentes e alunos

da escola”, afirma Márcia Regina Migliorini Saad, diretora da Divisão de Biblioteca e Documentação (DIBD) do campus de Piracicaba.

Os milhares de títulos na grande rede, no entanto, são apenas uma parte visível e sazonal de tudo o que a biblioteca da Esalq oferece. Não é à toa que a DIBD recebeu, recentemente e pela segunda vez, a medalha de bronze concedida pelo Instituto Paulista de Excelência da Educação e de Ensino. No total, trabalham na biblioteca 35 profissionais, além de oito estagiários.

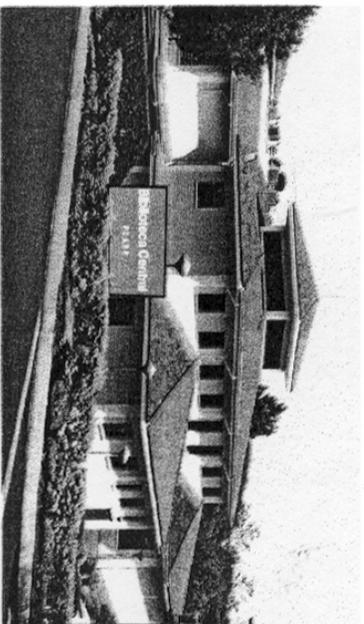
Publicações – Na verdade, a Divisão de Biblioteca e Documentação da Esalq é formada por quatro bibliotecas: a central e outras três setoriais, ligadas aos Departamentos de Genética, Economia e Agro-indústria. No total, são 3.604 metros quadrados para a guarda e manutenção de livros e periódicos. Só a central possui cerca de 2.800 metros quadrados. E é lá que estão algumas das maiores preciosidades bibliográficas do campus de Piracicaba, todas devidamente digitalizadas ou em vias de serem.

A jóia mais reluzente desse rico acervo em papel e couro é um livro

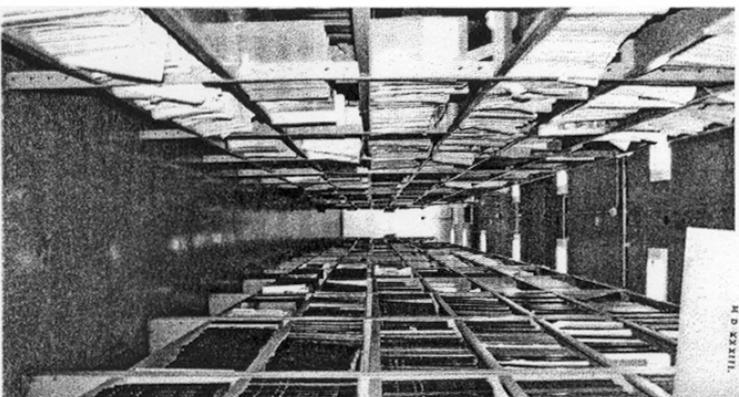
datado de 1688, o *Traitez nouveaux e curieux du café, du thé et du chocolat* – Ouvrage egalement nécessaire aux medecins et à toux qui augment leur santé (“Tratado novo e curioso sobre o café, o chá e o chocolate – Obra igualmente necessária aos médicos e a todos aqueles que prezam sua saúde”), de Philippe Sylvestre Dufour. A obra, cujo título quilométrico e exageradamente explicativo bem condiz com o estilo verborrágico da época em que foi escrita, tem mais de 440 páginas,

encadernação em couro marrom e, apesar da idade avançada, está em ótimo estado.

E está prestes a ganhar um espaço nobre para ser guardada, ao lado de outras obras raras do lugar. Trata-se de uma sala especial, separada na biblioteca central, destinada a livros, digamos, mais sensíveis. O lugar, no entanto, não está totalmente pronto. “O espaço ainda não é o ideal, mas já estamos cuidando disso. Vamos climatizá-lo adequadamente, trocar as telhas de amianto por um telhado

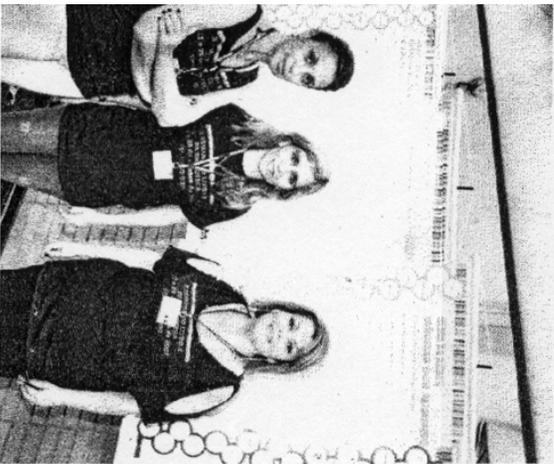


A Biblioteca da Esalq: preciosidades a serviço da formação humana





Saber que pertence à humanidade



tem mesmo é que ser variado. Recentemente ganhou o reforço precioso das partituras do Departamento de Música de Ribeirão Preto da Escola de Comunicações e Artes (ECA). São desde obras compostas no final do século 18 e início do século 19 – por compositores brasileiros e europeus – até cópias de partituras antigas e recentes, entre elas obras de Beethoven e Gilberto Mendes.

Tudo isso distribuído em 4,2 mil metros quadrados de área, com mais de 1.600 estantes, cuidadas pelos 41 funcionários que trabalham no setor. Essa estrutura atende mais de 500 visitantes diários.

Centrinho armazena 1 milhão de slides de pacientes

O Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da USP, o Centrinho de Bauru, mantém um acervo especializado em sua área de atuação – o único do gênero no Brasil. São 4.500 títulos ao todo, consultados por interessados de todas as partes do País. Além disso, as Seções de Documentação e Informação e de Apoio à Pesquisa do hospital oferece outro serviço cujo público principal são os pacientes. São mais de 70 mil cadastrados desde 1967. A história do tratamento desses pacientes é registrada em prontuários. Imagens em *slides* e radiografias médicas complementam as informações contidas nos prontuários, numa verdadeira documentação científica – utilizada tanto pela equipe interdisciplinar como pelos próprios pacientes. Nessa área, há 1 milhão de *slides* com registro dos passos do tratamento. “Sobre a documentação de

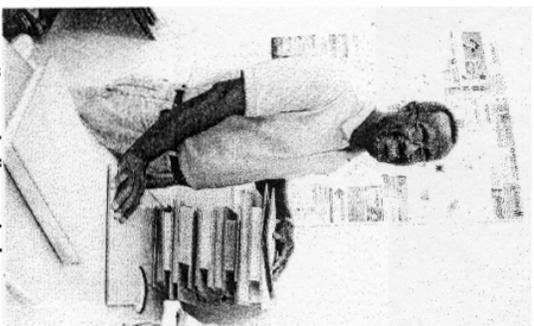
pacientes, realizamos um estudo de custo, em 2005, e modificamos a metodologia de trabalho. Passamos a fazer os registros com equipamento digital, gerando economia mensal na faixa de R\$ 7 mil, além de facilitar a distribuição das imagens”, informa Ana Gomes Grigoli, coordenadora das seções. Hoje, são 130 mil imagens armazenadas, com geração de 5 mil ao mês. Desde agosto de 2005, essas imagens são protocoladas, armazenadas e distribuídas na intranet por meio de um sistema (Gandhi) criado pelo Serviço de Informática Hospitalar do Centrinho, o que facilita significativamente o acesso às informações sobre o paciente e o cruzamento desses dados para a realização de pesquisas e levantamento de dados por parte da equipe interdisciplinar.

trabalho das Seções de Documentação e Informação e de Apoio à Pesquisa. Setores como Internação e Unidade de Cuidados Especiais, são “visitados” por Ana Maria Machado, Monteiro Lobato, Pedro Bandeira, Ziraldo, Lewis Carroll, Ruth Rocha e tantos outros autores, num acervo total de 362 livros por educadoras do Serviço de Educação e Terapia Ocupacional do Hospital. Aquisição, armazenagem, tratamento técnico da informação e disponibilização das obras para empréstimo e consulta também fazem parte da rotina de atividades da equipe das seções. O projeto é desenvolvido desde 2002, numa parceria com o Ministério da Saúde e a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, com patrocínio do Citibank.

ELAINE DE SOUSA,
de Bauru



O amigo das obras estragadas



Silva: trabalho metilucoso

Conhece-se a vida de uma faculdade ao visitar sua biblioteca. Ela deve ser dinâmica, ativa, atual e estimulante. Não um museu ou cemitério de conhecimento sobrepulado. Por ela, as gerações passadas ensinam e transmitem os conhecimentos às gerações atuais. Por ela, os avanços incessantes da ciência se difundem imediatamente por todo o mundo, para beneficiar o mais rapidamente possível o maior número de seres humanos.

Com essa frase, Bernardo Houssay, que em 1947 ganhou o Nobel de Medicina por suas pesquisas sobre hormônios secretados pela glândula hipófise, deixou registrada

O início – No começo, a idéia era apenas suprir os estudantes de Medicina de material bibliográfico suficiente para garantir consultas ao longo da graduação. Hoje, o acervo conta com coleções de revistas centenárias – algumas a partir do volume 1 –, como o *Journal of the American Chemical Society*, que teve seu primeiro volume lançado em 1879. As 23 primeiras coleções das revistas científicas mais importantes da época de sua criação, em 1952, foram doadas pela Fundação Rockefeller.

A importância da biblioteca cresceu como ponto de referência no acesso a um amplo acervo documental, na mesma medida em que crescia a importância da FMRP e do campus da USP em Ribeirão Preto. Percebendo que era o momento de dotar a biblioteca de melhor infra-estrutura, os professores da faculdade, liderados pelo então diretor, professor José Moura Gonçalves, resolveram, no início da década de 70, reunir num mesmo espaço o acervo de todos os departamentos da unidade, e a idéia se expandiu para reunir

Mas as bibliotecas da EEL contam com um aliado no socorro aos livros malcuidados: o funcionário Nelson Roberto da Silva, encadernador e restaurador de livros. Silva declara que na EEL os inimigos dos livros não são agentes físicos (umidade, luminosidade) ou biológicos (fungos e insetos): “O maior problema da degradação do acervo é devido a maus-tratos com as obras”, ele diz. Há dez anos trabalhando na biblioteca, Silva já perdeu os contos dos livros que restaurou – muitos deles, mais de uma vez. Seu lema é “conservar para não restaurar”. Para ele, todos os usuários deveriam tomar consciência da importância de conservar os livros. “A melhor maneira de preservar um documento é

e o miolo é colado. Depois o exemplar é remontado: suas folhas são lixadas para a retirada de pequenos rasgos das bordas, confecciona-se uma capa dura para ele e, finalmente, cola-se a capa no miolo. Assim, depois de dois dias de trabalho metilucoso, o livro pode voltar ao acervo. Outro problema comum nos livros é encontrar folhas soltas e coladas com adesivos. “Colocar fitas adesivas nos livros danifica ainda mais sua estrutura e prejudica a remontagem do livro, pois não se consegue retirá-la”, ensina Silva, e completa: “O ideal é, quando identificar algum dano na obra, encaminhá-la diretamente para o restaurador”. O encadernador revela que, antigamente, os livros tinham maior resistência

sua passagem pela Biblioteca da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP). Houssay pareceu antever o que aconteceria com aquele espaço, que para sua criação recebeu investimentos da Fundação Rockefeller. Além da criação de um centro irradiador de cultura e de pesquisas científicas para todo o País, com a criação da FMRP nascia também aquela que é hoje considerada a maior biblioteca de ciências do Brasil.

Os números mostram por que a Biblioteca Central do Campus de Ribeirão Preto é uma das mais importantes na área acadêmica do País. Com os 39 volumes da raríssima *Encyclopédie – Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, publicada no século 18 pelo iluminista francês Denis Diderot, só disponível para consultas, o acervo é composto atualmente por cerca de 95 mil volumes, mais de 13 mil teses e 5 mil títulos de periódicos, além de uma produção científica de 58 mil volumes. De tão grande, o acervo

também o acervo de todas as unidades que compunham o campus na época – a FMRP, a Escola de Enfermagem (EERP) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLRP) –, e posteriormente as Faculdades de Ciências Farmacéuticas (FCFRP) e de Odontologia (Forp). Assim foi formada a Biblioteca Central do Campus de Ribeirão Preto, única nesse modelo dentro da Universidade.

Com a nova biblioteca, colocaram à disposição da comunidade, num mesmo espaço, conhecimento de qualidade e de várias áreas do saber. Em 1992, com a criação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (Fearp), a biblioteca ganhou títulos nessas áreas. Para completar o espaço dinâmico preconizado por Houssay, em 2002 a Biblioteca Central incorporou as obras literárias do Departamento de Música de Ribeirão Preto, da Escola de Comunicações e Artes (ECA).

ROSEMEIRE SOARES TALAMONE,
de Ribeirão Preto

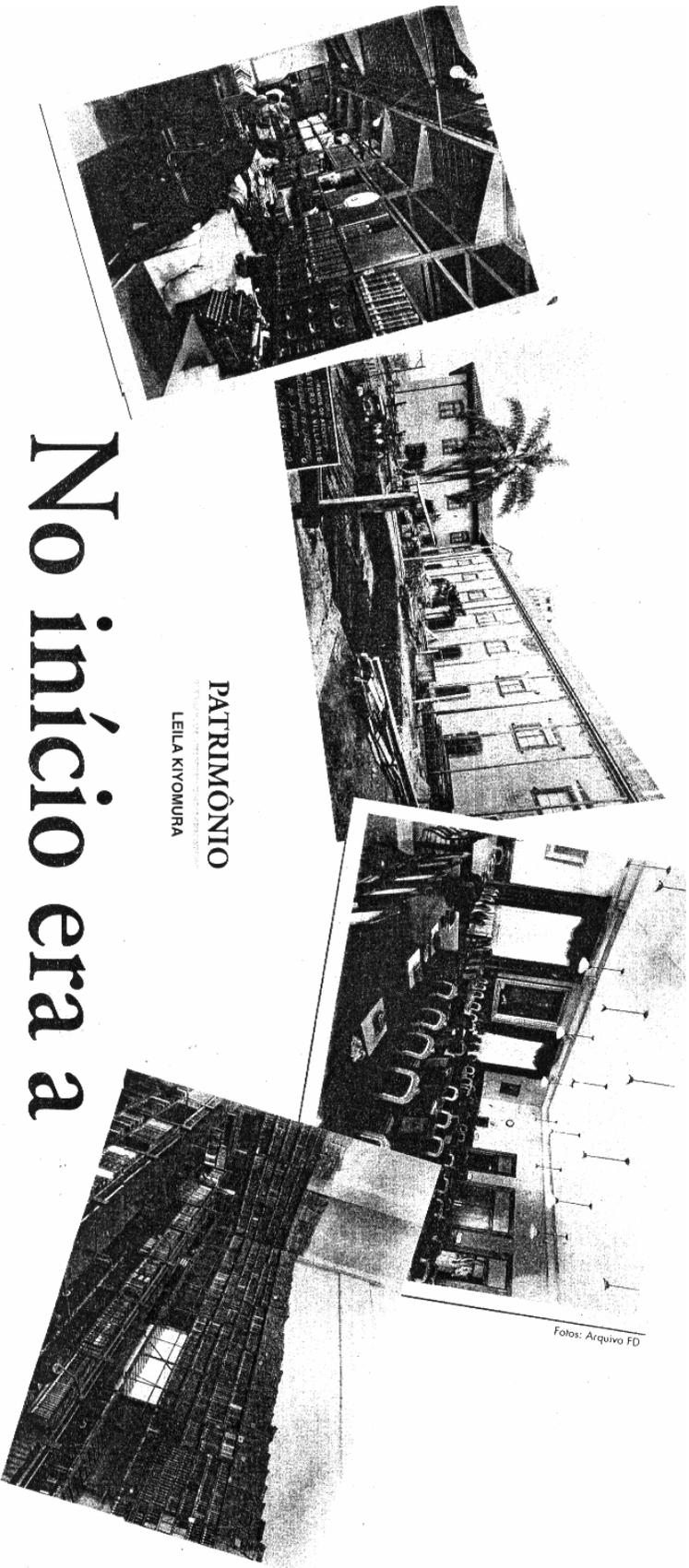
Nem sempre o personagem principal das Bibliotecas, o livro, é cuidado com carinho por aqueles que dele obtêm informação. Muitas vezes as fontes de saber acabam sendo maltratadas por excesso de manuseio ou pelo uso inadequado. A cada semana, dezenas de livros são retirados de circulação das duas bibliotecas da Escola de Engenharia de Lorena (EEL) da USP – uma especializada em engenharia de materiais e a outra, a Universitária – e deixam centenas de pessoas sem acesso à informação que possuem. “Escrever nos páginas, abrir o livro em demasia, debruchar-se sobre o livro, colocar objetos entre as páginas, dobrar o canto das folhas, reírir páginas inteiras e recortar gravuras são coisas comuns”, exemplifica Maria Auxiliadora Midees Ferreira, responsável pela Biblioteca Universitária.

“Saber manusear o material.” Semanalmente as obras danificadas são retiradas de circulação pelos funcionários da biblioteca e encaminhadas para a encadernação, o pronto-socorro dos livros. Na sala de encadernação, Silva diagnostica o problema e dá início ao processo de recuperação: os livros com capas soltas ganham capas novas e duras, as costuras arrebitadas são refeitas, as folhas arrancadas, sujas ou rubiscadas são substituídas por cópias. Ele conta que “cada livro é um caso diferente, mas o mais comum é a troca de capas e costura”.

O trabalho de recuperação é minucioso. Os livros são desmontados totalmente, o fecho (dobral) é consertado e suas folhas, costuradas. São colocadas guardas, identificadas e substituídas as folhas suprimidas ou danificadas

e durabilidade, pois eram confeccionados em pequenos conjuntos de brochuras costuradas, coladas e encadernadas. “Atualmente os livros são confeccionados em folhas soltas, que são somente coladas. Às vezes só ao abrir a obra as folhas já se soltam.” Formado pelo *Lieu Artes e Oficinas de São Paulo* e credenciado pela Associação Brasileira de Encadernação e Restauro, não guardou seus conhecimentos para si. Ensinou todos os funcionários da biblioteca a recuperar livros. Em período de férias escolares, é feito um mutirão para recuperar o maior número de obras possível para devolvê-las às estantes da EEL antes do início do ano letivo seguinte. Durante a 10ª Semana do Livro e da Biblioteca, Silva realizou palestras sobre sua especialidade.

SIMONE COLOMBO, DE LORENA



Fotos: Arquivo FD

PATRIMÔNIO
LEILA KIVOMURA

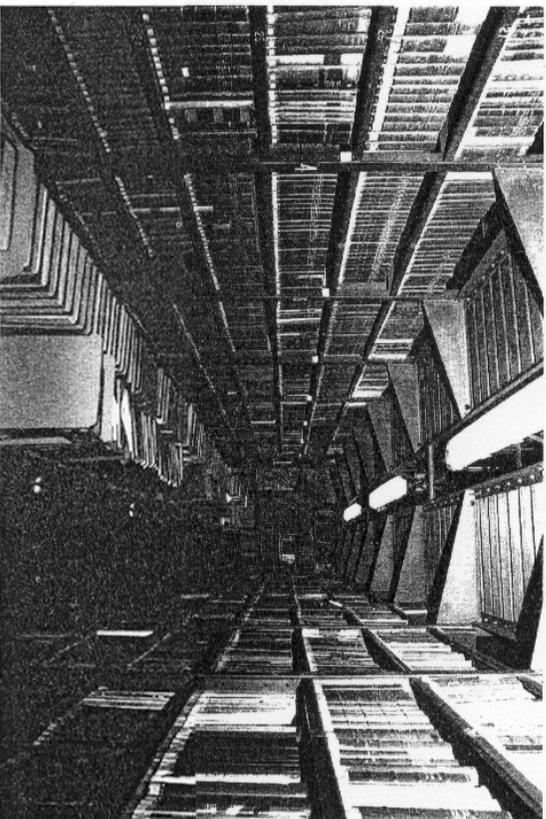
No início era a livraria dos franciscanos

Em 1825 foi criada a primeira biblioteca de São Paulo, que, com preciosidades como uma edição de 1520 da Divina Comédia, de Dante, forma hoje o acervo da Faculdade de Direito da USP

São milhares e milhares de leitores de todo o mundo. Professores, pesquisadores e estudantes que entram virtualmente na biblioteca da Faculdade de Direito da USP, através do endereço eletrônico www.direito.usp.br/biblioteca. É possível navegar e mergulhar em um oceano de livros. Vários des- ses internautas de todo o planeta acabam vindo pessoalmente para observar as preciosidades do acervo, como a *Opere de Dante com suoi Commenti*, de 1520, e as *Ordenações Manuelinas*, de 1539, entre várias outras jóias

Ficar em silêncio lendo e pesquisando nas sete salas da biblioteca é, como garante a diretora Maria Lucia Betfa, a oportunidade para desfrutar de um acervo de 360 mil itens. “Nossa biblioteca está entre as cinco maiores da USP”, observa. “Conta com quase 2.500 títulos de periódicos e sua coleção de obras raras é a maior da Universidade, com 6.500 obras dos séculos 16 ao 18. E o esforço de atualização contínua resultou na inserção de 4 mil novos itens em 2006, sendo aproximadamente 2 mil monografias e 2 mil fascículos de periódicos.”

Mas se, hoje, os estudantes podem pesquisar à vontade de jeans, bermudas, tênis e até chinelos, há vários espaços da biblioteca que sinalizam um tempo completamente diferente. “Até 1972, os estudantes só podiam entrar na biblioteca e na faculdade de gravação”, conta Maria Lucia. Foi o diretor Pinto Antunes quem aboliu a gravação. “Mas ele alertou: ‘Sem gravação, tudo bem, mas com berrnada, jamais.’”

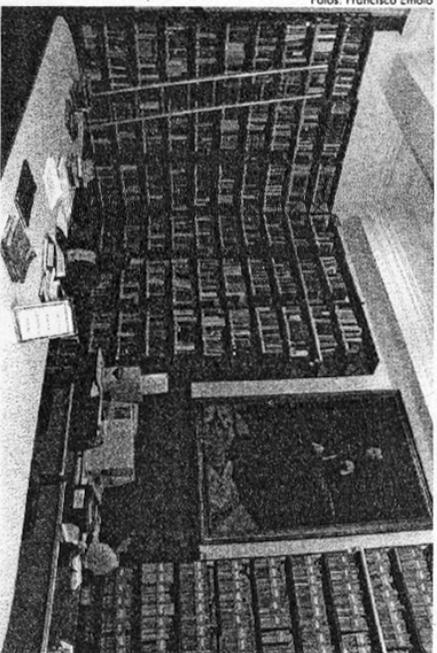


A Biblioteca da Faculdade de Direito: corredores frequentados por Ruy Barbosa, Castro Alves, Monteiro Lobato, Jânio Quadros e Arthur Bernardes, entre outras personalidades

Villares, bispo de Funchal. Junto com o acervo formado, foi agregado também o acervo da Diocese de São Paulo. Assim, em 1825, os paulistas tinham à disposição a primeira biblioteca pública oficial da Província de São Paulo.”

Com um acervo de 5 mil livros, São Paulo já tinha um bom argumento para solicitar a instalação de uma universidade na cidade. “Trazia-se de um anseio de progresso intelectual e político que se enquadrava na concepção do Brasil como um povo livre e soberano”, explica a bibliotecária Luciana Napoleone.

Na época, a província lutava contra as dificuldades financeiras. Era um modesto aglomerado com



Fotos: Francisco Emolo

turna da Faculdade de Direito, fundada em 1827.

Dos 5 mil livros da época ao acervo atual, com 360 mil itens, passaram-se 182 anos de sonhos, lutas e muita informação. “O laboratório do estudante de direito é a biblioteca”, diz Maria Lucia. “Nossos livros tiveram, entre os alunos, leitores igualmente preciosos, como Ruy Barbosa, Castro Alves, Alvaros de Azevedo, Hilda Hilst, Monteiro Lobato e Lygia Fagundes Telles, além de presidentes da República como Jânio Quadros, Campos Salles, Prudente de Moraes, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Delfim Moreira, Wenceslau Brás e Arthur Bernardes.”

Poetas, juristas e políticos que tinham que deixar os seus chapéus na chapeleira. E só podiam consultar os livros se estivessem devidamente trajados com terno e gravata e as mulheres, com vestidos e *tailleurs* (também abolidos em 1972).

Novos espaços – Hoje, toda a informação sobre o acervo está registrada em bancos de dados bibliográficos disponíveis na internet e na rede local da biblioteca. Os dois principais bancos de dados – Decadus (livros, teses, coleções de periódicos e produção do corpo docente) e Jusdata (artigos de periódicos de doutrina, nacionais e estrangeiros, a partir de 1980) – são acessíveis a partir da página eletrônica da biblioteca e constituem as fontes de pesquisa para a pesquisa jurídica.

A biblioteca possui dez diferentes espaços de atendimento, distribuídos em três andares do prédio, oferecendo serviços para a

Bispo de Funchal – Entre esses espaços preciosos, que foram tomados em 2002 pelo Condephat (com o prédio da faculdade), está o depósito de livros, as estantes de metal, a sala de consulta. O mais curioso é a chapelaria, que remete a uma sociedade elegante, quando ir à biblioteca era um ritual instituído na cidade. “Na época, era preciso criar um lugar que fosse o símbolo da busca do conhecimento e cultura, mesmo porque a cidade reivindicava a instalação de uma universidade”, explica a diretora. “O acervo originou-se da livraria dos franciscanos. Foi enriquecido pelo legado de D. Luiz Rodrigues



10 mil habitantes. “Foram muitas tentativas de criação de uma universidade brasileira na cidade, porém nenhuma delas teve êxito”, observa Luciana. “Dentre as primeiras iniciativas, podem ser citadas a solicitação de concessão de títulos acadêmicos no Brasil e a de transformação de um colégio em universidade, ainda no século 16. A ressurgiu com a chegada de D. João VI e com a Inconfidência Mineira.”

Enfim, a biblioteca foi instituída pelo primeiro presidente da província, Lucas Antonio Monteiro de Barros. O primeiro bibliotecário foi o bispo D. José Antonio dos Reis, que se tornou aluno da primeira comunidade interna e externa. Tem uma sala de referência (fichário) e a biblioteca central no primeiro andar; mais um balcão de atendimento e seis salas especializadas no segundo andar, chamadas de bibliotecas departamentais; e uma sala especialmente voltada para empréstimo de livros para estudantes da faculdade, no andar térreo.

A Biblioteca da Faculdade de Direito da USP fica aberta ao público de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas, e aos sábados, das 9 às 13 horas, no Largo São Francisco, 95. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (11) 3111-4053